

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

Centro de Ciência Sociais Aplicadas – CCSA

Curso de Graduação de Administração – GADM

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO
SOBRE O CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS ALUNOS DE
GRADUAÇÃO EM JOÃO PESSOA**

PAULO RICARDO GOMES DA SILVA FONSECA

JOÃO PESSOA

SETEMBRO 2025

PAULO RICARDO GOMES DA SILVA FONSECA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO
SOBRE O CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS AUNOS DE
GRADUAÇÃO EM JOÃO PESSOA**

Trabalho de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Administração, pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba / UFPB.

Professor Orientador: Wagner Soares Fernandes dos Santos

JOÃO PESSOA
SETEMBRO 2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F676e Fonseca, Paulo Ricardo Gomes da Silva.

Educação financeira no ensino superior: um estudo sobre o conhecimento financeiro dos alunos de graduação em João Pessoa / Paulo Ricardo Gomes da Silva Fonseca.
- João Pessoa, 2025.
52 f. : il.

Orientação: Wagner Soares Fernandes dos Santos.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Educação financeira. 2. Hábitos financeiros. 3. Conhecimentos financeiros. 4. Alunos de graduação. I. Santos, Wagner Soares Fernandes dos. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 005(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho apresentado a banca examinadora como requisito parcial para a conclusão do Curso de Bacharelado em Administração.

Aluno: Paulo Ricardo Gomes da Silva Fonseca

Trabalho: Educação Financeira no Ensino Superior: Um estudo sobre o Conhecimento Financeiro dos Alunos de Graduação em João Pessoa

Área de Pesquisa: Finanças

Data de Aprovação: 24 de setembro de 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Wagner Soares Fernandes dos Santos
Orientador

Prof. Dr. Carlos Eduardo Cavalcante
Membro Avaliador

Prof. Dr. Rosivaldo de Lima Lucena
Membro Avaliador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa Vitória, pelo amor e incentivo constante, aos meus pais e familiares pelo apoio incondicional e aos amigos que caminharam comigo nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha sincera e profunda gratidão a Deus, por todas as bênçãos proporcionadas até aqui. Aos meus pais, Maria de Fátima e Paulo Sérgio, dedico minha eterna admiração e reconhecimento. Foram eles que, com coragem, sacrifícios e amor incondicional, me proporcionaram uma base sólida, valores essenciais e uma educação que sempre foi prioridade, mesmo diante dos desafios. Tudo o que conquistei até hoje é reflexo do esforço, da dedicação e dos sonhos que eles cultivaram comigo.

À minha esposa, Vitória, dedico uma gratidão singular. Sua parceria, amor e incentivo constante foram fundamentais durante todo esse percurso. Ao seu lado, encontrei não apenas apoio nos dias difíceis, mas também motivos para seguir sonhando e buscando sempre a minha melhor versão

Estendo também meus agradecimentos a toda a minha família, que sempre esteve ao meu lado, contribuindo com afeto, apoio e inspiração. Cada momento vivido junto a eles fortaleceu minha caminhada e ajudou a construir quem sou. Em especial, gostaria de agradecer a minha avó, Elza, que sempre foi exemplo de sabedoria em nossa família. Meu coração se enche de orgulho sabendo que fui o seu primeiro neto a ingressar em uma Instituição de Ensino Superior.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Wagner Soares, por contribuir repassando sua experiência, conhecimento e orientações valiosas, que foram essenciais para a construção e aprimoramento deste trabalho. Sua dedicação e disponibilidade serviram de inspiração ao longo de toda a pesquisa.

RESUMO

Em um contexto econômico cada vez mais dinâmico, o conhecimento financeiro torna-se essencial para decisões conscientes e responsáveis ao longo da vida, sendo a educação financeira um fator determinante para a gestão de recursos, o planejamento do futuro e a prevenção do endividamento. Nesse sentido, este estudo analisou os hábitos e conhecimentos financeiros de 368 estudantes de graduação em João Pessoa, buscando identificar a relação entre renda, experiências prévias em finanças e adoção de práticas responsáveis. Por meio de Survey e análises estatísticas como ANOVA, Regressões Lineares e Logísticas, os resultados demonstraram que maior renda está associada a maior conhecimento financeiro; que esse conhecimento favorece hábitos como gastar menos que a renda, controlar periodicamente o dinheiro, poupar e investir; e que o contato anterior com práticas financeiras na infância contribui para a consolidação de comportamentos mais conscientes e sustentáveis na vida acadêmica e adulta.

Palavras-chaves: Educação Financeira; Hábitos Financeiros; Conhecimentos Financeiros e Alunos de Graduação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. Educação Financeira e seus Benefícios Socioeconômicos	11
2.1.1. Educação Financeira no Brasil e no Mundo	14
2.2. Conhecimento e Comportamento Financeiros de Jovens No Brasil	18
2.2.1. Nível do Conhecimento Financeiro de Jovens e seus padrões de Comportamento Relacionados a Finanças	18
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	21
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	24
4.1. Perfil dos Participantes	25
4.2. Hábitos Financeiros dos Participantes	28
4.3 Conhecimento Financeiro dos Participantes	35
4.4. Análises Estatísticas para os Testes das Premissas	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Em um cenário econômico cada vez mais complexo e dinâmico, o conhecimento financeiro torna-se uma habilidade para a tomada de decisões conscientes e responsáveis ao longo da vida. Para desenvolver essa capacidade, a educação financeira desempenha um papel importante na formação de indivíduos capazes de gerir seus recursos, planejar o futuro e evitar o endividamento pessoal. Apesar da crescente discussão sobre sua importância, esse tipo de educação ainda é pouco explorado de maneira sistemática no ensino superior.

Essa lacuna evidencia a necessidade de inserir conteúdos e práticas relacionados à gestão financeira no processo formativo dos estudantes, uma vez que muitos deles, ao ingressarem na universidade, passam a assumir novas responsabilidades econômicas, como administrar bolsas de estudo, estágios remunerados ou até mesmo empregos formais. Nesse sentido, a ausência de conhecimentos básicos sobre finanças pode comprometer não apenas o equilíbrio financeiro individual, mas também influenciar negativamente sua trajetória acadêmica e profissional.

Segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (2024), realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), 76,7% das famílias estavam endividadas, sendo que 13% afirmaram não ter condições de quitar suas dívidas. Esse é o maior índice registrado desde o início da pesquisa, em 2010. Esses dados evidenciam não apenas a fragilidade financeira de grande parte da população, mas também a necessidade urgente de formação em educação financeira desde os primeiros anos da vida adulta.

No caso dos universitários, esse cenário se torna ainda mais preocupante, pois muitos estão em fase de transição para a independência financeira e, frequentemente, não possuem experiência ou conhecimento suficientes para lidar com crédito, consumo e planejamento de longo prazo. Assim, a ausência de preparo adequado pode levá-los a repetir padrões de endividamento já observados no contexto familiar.

Dessa forma, o objetivo central deste trabalho consiste em analisar os hábitos e os conhecimentos financeiros dos estudantes de graduação da cidade de João Pessoa. Como objetivos específicos, busca-se identificar a relação entre hábitos e conhecimentos financeiros, verificar se a renda familiar exerce influência no conhecimento financeiro dos estudantes e

avaliar se o contato prévio com práticas financeiras durante a infância contribui para a adoção de hábitos mais conscientes e responsáveis na vida acadêmica e adulta

A escolha por investigar os hábitos e conhecimentos financeiros dos estudantes de graduação da cidade de João Pessoa se justifica pela crescente necessidade de compreender como os jovens universitários lidam com suas finanças pessoais em um contexto marcado por elevados índices de endividamento no país. Esse público, em fase de transição para a vida adulta e inserção no mercado de trabalho, enfrenta desafios relacionados ao consumo, à gestão de recursos limitados e à ausência de conteúdos sistemáticos de educação financeira ao longo da formação básica.

Espera-se que os resultados deste estudo evidenciem lacunas no conhecimento financeiro dos graduandos e revelem a influência de fatores como renda familiar, experiências prévias com finanças e hábitos de consumo. Além disso, os achados poderão subsidiar a elaboração de estratégias pedagógicas e institucionais voltadas à promoção da educação financeira no ensino superior, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes, preparados para tomar decisões financeiras responsáveis e menos vulneráveis ao endividamento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SEUS BENEFÍCIOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

Educação financeira é o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão de produtos e conceitos financeiros e, por meio de informações e instruções, desenvolvem habilidades e a confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, para saber aonde procurar ajuda e para tomar outras medidas eficazes para melhorar seu bem-estar financeiro (OECD, 2005).

Segundo Mendes (2021, p. 5) “o conhecimento financeiro é essencial, uma vez que, diariamente, as pessoas precisam lidar e tomar decisões conscientes em relação às suas finanças, seja na escola, em família, no trabalho, no lazer ou até mesmo quando decidem não consumir”. De acordo com Lemos (2020, p.25) “educação financeira é a administração consciente do próprio dinheiro, ou seja, é ter um padrão de vida ajustada à sua renda”.

A educação financeira é composta por três pilares: planejar, poupar e o uso consciente do crédito. O planejamento é importante para que os indivíduos tenham uma relação saudável com suas finanças, poupar contribui para a motivação e a busca pela realização de objetivos pessoais e profissionais e o uso consciente do crédito é indispensável para a estabilidade financeira (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2025)

De maneira geral, a educação financeira pode ser compreendida como a capacidade de compreender, organizar e analisar periodicamente as receitas e despesas de um indivíduo, permitindo decisões conscientes e alinhadas à sua situação patrimonial ao longo do tempo. Além disso, envolve conhecimentos sobre planejamento, poupança, investimentos, definição de prioridades e o uso responsável dos recursos, de modo a promover equilíbrio financeiro e segurança econômica

A educação financeira tem se mostrado um instrumento essencial para a construção de uma sociedade mais consciente e economicamente equilibrada. No Brasil, sua importância cresce diante de um cenário marcado por altos níveis de endividamento, consumo impulsivo e baixa poupança. De acordo com o Serviço de Proteção ao Crédito (SCPC), aproximadamente 46% dos brasileiros com idade entre 25 e 29 anos, estão inadimplentes. Além desse percentual,

19% dos brasileiros de 18 a 24 anos, também estão endividados. Esses dois grupos constituem os 12,5 milhões de jovens que estão com insolvência em suas dívidas de curto prazo. Segundo os resultados obtidos por uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), 47% dos jovens da geração Z não realizam o controle das suas finanças pessoais.

Tal situação preocupante decorre do fato de que a educação financeira tem sido historicamente negligenciada entre as áreas de estudo tradicionalmente valorizadas pela sociedade. Assim, crianças que não recebem uma base sólida de conhecimento sobre finanças tendem, ao longo da vida, a enfrentar dificuldades relacionadas ao endividamento, perpetuando esse padrão de forma intergeracional.

A educação financeira pode contribuir com a transformação social, sobretudo em países com elevada desigualdade de renda como o Brasil. Ela vai além do simples ato de ensinar a poupar ou controlar gastos: trata-se de uma ferramenta de autonomia, cidadania e inclusão social. Ao capacitar o indivíduo a tomar decisões conscientes sobre o uso de seus recursos, a educação financeira contribui para a redução da vulnerabilidade social, especialmente entre os mais pobres.

De forma inclusiva, a educação financeira busca democratizar o acesso ao conhecimento sobre gestão de recursos, considerando as diferentes realidades econômicas da população. Sem acesso a sistemas financeiros inclusivos, pessoas com menor renda precisam contar apenas com suas economias restritas para financiar educação ou empreendimentos, enquanto pequenas empresas ficam limitadas a seus lucros reduzidos para investir em oportunidades de expansão. Essa limitação contribui para a manutenção da desigualdade de renda e para um crescimento econômico mais lento (KLAPPER E DEMIRGUC-KUNT, 2012). Isso significa que pessoas instruídas financeiramente conseguem organizar melhor seus recursos mesmo com rendas baixas, evitando o superendividamento e situações de extrema dependência, além da importância do sistema financeiro como um todo para promover essa inclusão.

Pessoas que possuem um nível mais elevado de educação financeira tendem a apresentar condições financeiras mais estáveis, refletindo-se em maior satisfação pessoal e melhor qualidade de vida (LUSARDI E MITCHELL, 2014). Dessa forma, famílias que compreendem os impactos de juros, financiamentos e crédito rotativo, por exemplo, tendem a evitar armadilhas do consumo impulsivo, um dos principais fatores de endividamento no Brasil.

Para entender o papel da educação financeira na vida dos jovens, é necessário analisar todos os fatores que possuem influências na gestão das finanças dessas pessoas. A educação primária, considerada a base de ensino, é carente de disciplinas e iniciativas que retratam a educação financeira, ao invés disso, é muito comum que as demais áreas de conhecimento, como por exemplo a matemática, fale de forma indireta alguns conceitos desse tema. Outro aspecto que deve ser levado em consideração é a ascensão dos bancos digitais, produtos financeiros e o acesso facilitado ao crédito.

O advento dos bancos digitais e a amplificação de produtos financeiros acessíveis por meio de aplicativos têm transformado significativamente a relação dos jovens com o dinheiro, embora nem sempre para melhor. Uma pesquisa divulgada pelo C6 Bank e pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), realizada com 2 mil brasileiros evidenciou que entre os entrevistados de 16 a 24 anos, 51% possuem contas em bancos digitais, ampliando o acesso desses jovens aos produtos financeiros ofertados pelas instituições.

Contudo, essa facilidade de acesso nem sempre vem acompanhada de disciplina. Muitos jovens ainda recorrem de forma impulsiva a cartões e crédito digital, acabam assumindo dívidas com desconhecimento das taxas e prazos e entram em ciclos de endividamento. Isso aponta que, ao contrário de promover autonomia, o acesso rápido a produtos financeiros, sem orientação, tende a agravar o descontrole financeiro entre os mais jovens. A ausência de educação financeira, aliada à facilidade de acesso ao crédito, tem levado muitas pessoas ao endividamento excessivo, privando-as de parte da sua renda em função do pagamento de prestações mensais (LEMOS, 2020).

Um estudo realizado em 2010 pela Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), envolvendo 25 mil estudantes de escolas públicas em seis estados brasileiros, revelou dados significativos. As escolas foram organizadas em pares semelhantes, e uma de cada par foi sorteada para participar da ação educativa, formando o “grupo de tratamento”, enquanto a outra parte integrou o “grupo de controle”. Os resultados mostraram que os estudantes do grupo de controle apresentaram maior percentual em relação à abertura de contas bancárias, utilização do cheque especial, uso do rotativo do cartão de crédito e realização de compras por meio desses cartões. A partir disso, é indiscutível que informações sobre administração financeira são importantes para desenvolver pessoas que serão responsáveis financeiramente no futuro, e qualquer barreira nesse processo de aprendizado pode ocasionar consequências como o endividamento e o risco familiar.

A educação financeira também apresenta benefícios econômicos significativos, tanto em nível individual quanto coletivo. Quando o cidadão adquire conhecimento sobre como planejar seu orçamento, poupar, investir e evitar o endividamento, ele contribui diretamente para a estabilidade financeira do próprio lar e, de forma ampliada, para o fortalecimento da economia nacional. Indivíduos com níveis mais elevados de conhecimento financeiro apresentam menor probabilidade de assumir dívidas de alto risco e maior tendência a adotar comportamentos que contribuem para a estabilidade dos mercados financeiros (ATKINSON E MESSY, 2013).

Ao evitar o endividamento das famílias, a educação financeira ajuda a preservar a saúde do sistema financeiro, que é afetado negativamente por altos índices de inadimplência. Uma população financeiramente mais consciente reduz a demanda por crédito e passa a buscar alternativas mais seguras e sustentáveis, como investimentos de baixo risco e consumo planejado. Isso gera um ciclo virtuoso: com menos endividamento e mais consumo consciente, há maior confiança do consumidor e, conseqüentemente, mais estabilidade para o mercado. Consumidores com maior educação financeira tendem a buscar serviços e produtos alinhados às suas necessidades, o que estimula a concorrência e fortalece o papel de fiscalização do mercado. Ao exigir maior transparência das instituições financeiras, esses indivíduos contribuem para a solidez e a eficiência do sistema financeiro como um todo (BACEN, 2013).

Fica claro, portanto, que os impactos positivos da educação financeira vão além do âmbito individual, alcançando empresas, instituições financeiras e o próprio Estado. Ao promover decisões mais conscientes, ela não apenas reduz o risco de crises financeiras pessoais, como também contribui para a formação de uma sociedade economicamente mais estável, preparada e engajada nos processos financeiros do país.

2.1.1 Educação Financeira no Brasil e no Mundo

Nos últimos anos, a educação financeira tem se tornado um tema cada vez mais relevante no Brasil, impulsionada pelo elevado índice de endividamento da população e pela crescente necessidade de uma gestão responsável dos recursos. Embora seja relevante para o bem-estar individual e para o desenvolvimento coletivo da sociedade, o País ainda enfrenta diversos desafios para consolidar esse conhecimento de forma ampla e eficaz. O verdadeiro

propósito da educação financeira consiste em desenvolver uma mentalidade consciente e saudável quanto ao uso adequado do dinheiro, tanto no consumo de bens e serviços quanto na tomada de decisões relacionadas a aplicações e investimentos financeiros (BORGES, 2014). A educação financeira constitui um meio essencial para transmitir conhecimentos e informações que orientam comportamentos fundamentais, capazes de elevar a qualidade de vida dos indivíduos e de suas comunidades. Trata-se, portanto, de um instrumento estratégico para o desenvolvimento econômico, uma vez que as decisões financeiras tomadas no âmbito individual, quando consideradas em conjunto, exercem impacto direto sobre o crescimento e a estabilidade da economia (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013)

Segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (2024) realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em 2024, cerca de 76,7% das famílias brasileiras enfrentavam algum nível de endividamento. Ainda mais preocupante, 13% dessas famílias declararam não possuir condições financeiras para quitar suas dívidas, evidenciando a gravidade da crise de crédito e a urgência por maior educação financeira no País, desde os primeiros anos escolares até a vida adulta.

Além disso, a falta de educação financeira aprofunda desigualdades sociais. A desigualdade de renda e de oportunidades socioeconômicas intensifica a vulnerabilidade das famílias de menor poder aquisitivo, tornando-as mais suscetíveis ao endividamento, sobretudo em razão do acesso limitado a recursos financeiros e às possibilidades de mobilidade social (SANTOS, 2024). De acordo com Bryant (2024), “educação financeira não se resume apenas à compreensão de números; é uma ferramenta para empoderamento e justiça social”. No mesmo sentido, dados da OCDE revelam que estudantes de origens socioeconômicas menos favorecidas apresentam níveis inferiores de conhecimento financeiro, evidenciando como a educação financeira pode ser uma estratégia importante para reduzir essas desigualdades. Todo esse cenário demonstra como a falta de políticas públicas eficazes afeta de forma mais severa os grupos em maior vulnerabilidade econômica, aprofundando desigualdades e limitando oportunidades de inclusão financeira.

No cenário global, a educação financeira tem se consolidado como um conhecimento essencial, principalmente diante das crises econômicas, crescimento do consumo e aumento do acesso facilitado aos produtos financeiros. Em escala global, indivíduos e famílias são expostos a uma diversidade crescente de produtos e serviços financeiros, o que intensifica a relevância de compreender conceitos financeiros fundamentais (LUSARDI E KAISER, 2025). Apesar disso, essa implementação ainda ocorre de forma desigual entre os diversos países. A OCDE

desenvolve, desde 2012, o PISA Financial Literacy, uma avaliação internacional que mede a alfabetização financeira entre jovens em diversos países. No relatório de 2018, o Brasil obteve média de 420 pontos, enquanto países como Estônia, Finlândia e Canadá lideram o *ranking* com 547, 537 e 532 pontos, respectivamente. Os dados evidenciam que a distância entre países desenvolvidos e em desenvolvimento permanece significativa, refletindo disparidades tanto na implementação de políticas públicas quanto nos impactos concretos sobre a qualidade da educação financeira entre os países.

Em países como Austrália, Reino Unido, Estônia, Finlândia e Canadá, iniciativas governamentais e privadas têm sido referência na disseminação da educação financeira. No Reino Unido, por exemplo, o tema é obrigatório no currículo escolar desde 2014, já na Austrália, o programa MoneySmart, desenvolvido pela Comissão Australiana de Valores Mobiliários e Investimentos (ASIC), oferece conteúdos gratuitos e interativos para ajudar a população australiana a controlar e tomar decisões mais conscientes em relação às suas finanças.

Já a Estônia é uma das líderes mundiais em alfabetização financeira. O País integra o ensino financeiro ao currículo escolar desde os anos iniciais e um dos seus programas é o Rahapõlv (Dia do Dinheiro) promovido em parceria com o Banco da Estônia e escolas locais, oferecendo *workshops*, jogos, feiras e aulas práticas sobre finanças pessoais, impostos e poupança. “Desde 2010, a educação financeira tem sido integrada aos estudos de educação cívica para alunos do ensino fundamental e médio na Estônia.” (OECD, 2020).

As escolas finlandesas adotam uma abordagem prática para o ensino da educação financeira, incorporando atividades como simulações de orçamento familiar, análise crítica do consumo, noções de investimento e reflexões sobre ética no consumo. Paralelamente, a FINE (Financial Ombudsman Bureau) disponibiliza recursos educativos voltados a professores, alunos e famílias, com o objetivo de incentivar o uso consciente do crédito e dos produtos financeiros. “A educação financeira e empreendedora tem sido um tema transversal no ensino básico e secundário na Finlândia desde a década de 1990” (OECD, 2020)

O Canadá se destaca por sua política pública estruturada de alfabetização financeira, coordenada pela Agência de Consumidor Financeiro do Canadá (FCAC). Desde 2015, a instituição lidera a Estratégia Nacional de Educação Financeira, promovendo ações integradas em escolas, comunidades e plataformas digitais. Entre os principais destaques da iniciativa está o portal 'Your Financial Toolkit', que disponibiliza cursos gratuitos e acessíveis sobre temas

essenciais como orçamento, crédito, poupança, planejamento para a aposentadoria e prevenção a fraudes. A FCAC atua para “educar os canadenses e fortalecer sua educação financeira por meio de informações, ferramentas e recursos online” (FCAC, 2015).

Uma pesquisa conduzida pela agência global de classificação de risco Standard & Poor’s (2014), envolvendo mais de 150 mil adultos em 140 países, revelou dados preocupantes sobre a literacia financeira mundial. O estudo apontou que apenas 1 em cada 3 adultos possui conhecimentos financeiros básicos, evidenciando um baixo nível de alfabetização financeira global. Além disso, destacou os jovens como um grupo particularmente vulnerável, reforçando a importância de direcionar a eles programas eficazes de educação financeira.

Os desafios relacionados à educação financeira estão presentes tanto em economias em desenvolvimento quanto em economias avançadas (KLAPPER, LUSARDI E OUDHEUSDEN, 2015). Essa realidade reforça que a alfabetização financeira é uma necessidade universal e deve ser tratada como uma prioridade em todas as nações. Além disso, como mencionado anteriormente, a educação financeira desempenha um papel fundamental na promoção do crescimento econômico sustentável, ao fomentar cidadãos mais conscientes e preparados para lidar com os desafios do sistema financeiro. Diante da crescente complexidade do sistema financeiro, a educação financeira tem se consolidado como uma habilidade fundamental para os consumidores. Por isso, governos ao redor do mundo demonstram interesse em adotar medidas que ampliem o conhecimento financeiro de suas sociedades (ATKINSON E MESSY, 2012). Isso contribui para o fortalecimento do sistema bancário e para a utilização mais consciente e responsável do crédito.

Portanto, a promoção da educação financeira deve ser reconhecida como um direito social fundamental, sendo incorporada de forma articulada entre escolas, comunidades e o setor financeiro. Essa iniciativa deve adotar abordagens inclusivas, contínuas e sensíveis às realidades socioeconômicas de cada país, garantindo acesso equitativo ao conhecimento e fortalecendo a cidadania financeira em escala global. Ao democratizar o acesso a informações financeiras, amplia-se a autonomia dos indivíduos diante das decisões econômicas do cotidiano. Além disso, contribui-se para a construção de sociedades mais justas, conscientes e resilientes frente aos desafios econômicos.

2.2. CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO FINANCEIROS DE JOVENS NO BRASIL

O domínio de conhecimentos financeiros constitui um fator decisivo para a consolidação de hábitos responsáveis de consumo e para a administração eficiente dos recursos ao longo da vida. Pesquisas nacionais evidenciam que a juventude brasileira apresenta níveis críticos de alfabetização financeira, o que representa um risco para o desenvolvimento de competências essenciais à vida adulta. Em uma cultura que demanda responsabilidade individual e autossuficiência, a alfabetização financeira caracteriza-se como um componente essencial para uma vida adulta bem-sucedida (POTRICH, 2014).

A pesquisa PISA Financial Literacy, conduzida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), revela que o Brasil apresenta desempenho inferior à média internacional nas competências financeiras de jovens de 15 anos, evidenciando lacunas significativas tanto na compreensão de conceitos fundamentais quanto na capacidade de aplicá-los em situações práticas. (OECD, 2020).

Além disso, fatores como influência da publicidade digital, pressão social e ausência de educação financeira formal contribuem para decisões pouco racionais no uso do dinheiro. O consumismo se tornou um traço destrutivo da sociedade atual. O aprendizado de finanças pessoais, porém, ajuda a rejeitar esse comportamento e, de maneira irônica, conduz a um estilo de vida superior (CONNEL, 2025). Nesse sentido, programas de educação financeira que envolvam escolas e famílias são apontados como essenciais para o correto desenvolvimento dessas habilidades, através de políticas públicas eficazes, materiais didáticos contextualizados e estratégias de ensino que unam conhecimento teórico e prático reais de gestão financeira pessoal.

2.2.1 Nível de Conhecimento Financeiro de Jovens e seus Padrões de Comportamento Relacionados a Finanças

Entre os jovens brasileiros, o nível de conhecimento financeiro mostra-se significativamente reduzido em comparação aos padrões internacionais. Dados do Banco Mundial apontam que mais de dois terços da população adulta mundial carece de noções financeiras básicas, realidade que, no Brasil, manifesta-se de forma ainda mais crítica entre os

jovens e, em especial, estudantes de baixa renda. (WORLD BANK, 2022). Essa limitação reduz a capacidade de planejamento financeiro e intensifica a vulnerabilidade diante de situações de endividamento.

A carência de educação financeira é um fenômeno mundial, que ultrapassa a divisão entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, impactando sobretudo os jovens que iniciam suas carreiras sem preparo para gerir suas finanças (LUSARDI E MITCHELL, 2014). No Brasil, isso se reflete em escolhas financeiras precoces e muitas vezes prejudiciais, como o uso de crédito sem planejamento e a ausência de hábitos de poupança e investimento.

Estudos também indicam que os padrões de comportamento financeiro dos jovens estão fortemente associados ao consumo imediato. Para Elias Sfeir (2019), presidente da Associação Nacional dos Bureaus de Crédito, “a carência de educação financeira e de mentalidade de poupança é comum a todas as gerações e estimula a situação de inadimplência. Itens como tênis, celulares e *notebooks* são constantemente trocados pelo último modelo lançado. Não há orçamento que aguente tantos gastos. Esse comportamento de compra compulsivo e irracional é mais forte entre os jovens”. Essa característica é reforçada, como citado anteriormente, através do aumento constante da publicidade nas mídias digitais e ainda são influenciadas por fatores culturais e pressões sociais.

Atualmente, a Geração Z (nascidos entre 1995 e 2012) enfrenta um cenário financeiro bastante desafiador. Esses jovens, em sua maioria, lidam com salários inferiores aos registrados em gerações anteriores, o que limita sua capacidade de poupança e dificulta o enfrentamento de despesas emergenciais. Além disso, acumulam níveis mais elevados de endividamento e apresentam taxas superiores de inadimplência. De acordo com estudos da agência de relatórios de crédito TransUnion, a Geração Z apresenta um uso mais elevado de crédito em comparação às gerações anteriores. Além disso, uma pesquisa do Serasa realizada em 2024 aponta que brasileiros com até 25 anos registraram menor pontualidade no pagamento das faturas do cartão de crédito em relação as outras faixas etárias.

Estudos realizados pela TransUnion (2023) ainda revelam que a geração Z enfrenta o desafio de uma inflação persistente em todo o mundo, com aumentos significativos das coisas mais básicas do dia a dia até os itens mais caros. Parafraseando Charlie Wise, chefe de pesquisa e consultoria global da TransUnion, a Geração Z tem comprometido boa parte de sua renda com despesas que sofreram altos reajustes recentes, como aluguel, alimentação e transportes.

No mesmo sentido, segundo dados da pesquisa “O Futuro da Relação do Brasileiro com o Dinheiro e as Finanças” realizada no primeiro trimestre de 2024 e divulgada pela Croma Consultoria, 47% dos jovens da geração supracitada relatam ter uma situação financeira “ruim ou muito ruim”, enquanto 36% indicam um cenário “regular” e apenas 16% uma situação “boa ou muito boa”. Já em uma perspectiva internacional, uma pesquisa realizada pelo Bank Of América, também em 2024, trouxe resultados bastante relevantes sobre a percepção dos jovens da geração Z residentes nos Estados Unidos. De acordo com os resultados, 57% dos entrevistados informaram não ter uma reserva de emergência para cobrir três meses de despesas; quase 30% não sentem que possuem renda suficiente para guardar dinheiro e apenas 15% relataram que guardam parte do seu salário em uma reserva.

Portanto, é evidente a gravidade do quadro financeiro que envolve a juventude em âmbito global. A carência de práticas sistematizadas de planejamento, poupança e utilização responsável do crédito acentua sua vulnerabilidade diante das atuais dinâmicas econômicas, evidenciando, mais uma vez, a necessidade de políticas públicas e estratégias educativas em educação financeira, voltadas à formação de competências que possibilitem maior autonomia para esses jovens.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo tem como propósito central compreender como os estudantes de graduação da cidade de João Pessoa administram suas finanças e quais níveis de conhecimento possuem sobre o tema. Entre os objetivos específicos, pretende-se examinar a possível associação entre hábitos de gestão financeira e o nível de conhecimento adquirido, verificar de que maneira a renda familiar influencia o conhecimento financeiro desses alunos e investigar se experiências vivenciadas ainda na infância, favorecem a construção de atitudes mais conscientes e responsáveis ao longo da vida adulta.

Quanto a abordagem da pesquisa, ela é classificada como de natureza descritiva (GIL, 2022).

Quanto ao nível de aprofundamento, ela é considerada como pesquisa de campo pois os dados foram obtidos, por meio de um questionário, diretamente no ambiente onde o público-alvo da pesquisa se encontrava (MARCONI E LAKATOS, 2023).

Quanto à abordagem, ela pode ser considerada como uma pesquisa quantitativa visto que busca quantificar o nível de educação financeira dos estudantes de graduação em João Pessoa. Ou seja, envolve a transformação de opiniões e informações em dados quantitativos, que podem ser analisados, interpretados e classificados com o auxílio de procedimentos estatísticos (SILVA E MENEZES, 2005).

Em relação ao método de investigação, este estudo é conduzido na forma de uma *Survey*, adequado para a coleta e análise de dados junto a um grupo específico de respondentes. Essa técnica consiste em coletar informações mediante interrogações diretas aos indivíduos envolvidos, a respeito do problema investigado, possibilitando a análise quantitativa dos dados obtidos e a formulação de conclusões fundamentadas sobre o objeto de estudo (GIL, 2022).

O levantamento teórico foi conduzido por meio de pesquisas bibliográficas e consultas de matérias em sites, bem como pesquisas em bases de artigos e dissertações acadêmicas, como Web of Science, Google Acadêmico e Spell, utilizando-se as palavras-chave: “financial literacy”, “graduation”, “educação financeira” e “universidade”. As expressões em inglês foram empregadas com o intuito de ampliar a abrangência da pesquisa, permitindo o acesso a estudos e dissertações internacionais pertinentes ao tema investigado. Ao consolidar o levantamento teórico, identificaram-se elementos que possibilitaram a formulação das seguintes premissas:

P1: estudantes com maior renda familiar possuem maior conhecimento financeiro;

P2: estudantes com maior conhecimento financeiro possuem melhores hábitos financeiros;

P3: estudantes com maior experiência anterior em finanças possuem melhores hábitos financeiros atualmente;

As premissas foram reformuladas e estruturadas a partir de pesquisas anteriores realizadas por Mendes (2021) e Guida (2023). Ressalta-se que apenas o estudo de Guida (2023) teve como público investigado estudantes universitários, o mesmo perfil adotado nesta pesquisa. Portanto, os resultados da pesquisa serão relacionados com os da autora, a fim de verificar a existência de similaridades nas duas amostras.

O presente estudo foi conduzido com 368 estudantes de graduação matriculados nas seguintes instituições de ensino superior em João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Unipê, Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Maurício de Nassau e a Faculdade da Paraíba (FPB). Não foram estabelecidos critérios quanto à área de formação dos estudantes, a fim de ampliar o alcance, o número de respostas obtidas e, assim, garantir uma análise mais precisa e representativa do público-alvo desta pesquisa. Nesse contexto, a amostra da pesquisa é classificada como não probabilística por conveniência, sendo caracterizada pela seleção de um subconjunto representativo da população em estudo, de modo a garantir a validade dos resultados obtidos.

Após a definição da população da pesquisa, foi aplicado um questionário estruturado composto por 31 questões de múltipla escolha. A primeira questão teve caráter introdutório, abordando o aceite para participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As demais questões foram organizadas em três dimensões: perfil socioeconômico dos graduandos (questões 2 a 10), hábitos financeiros (questões 11 a 24) e conhecimentos sobre finanças (questões 25 a 31), conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Dimensões e suas respectivas questões dentro do Questionário

Dimensões	Questões do Questionário
Perfil Socioeconômico	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
Hábitos Financeiros	11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
Conhecimentos Financeiros	25, 26, 27, 28, 29, 30, 31

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

As questões 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 possuem caráter socioeconômico e demográfico, abordando aspectos dos estudantes de graduação em João Pessoa, como gênero, idade, raça, escolaridade dos pais, além da renda individual e familiar. As questões 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 foram baseadas em relação aos hábitos financeiros dos estudantes, como frequência de compras a prazo, controle de gastos, reserva financeira, investimentos, previdência complementar, seguros, entre outros comportamentos. Desse grupo, as questões 11, 12, 14, 16, 20, 21, 22, 23 e 24 foram formuladas com base na escala Linkert, de “Discordo Totalmente” até “Concordo Totalmente”.

As questões 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 foram elaboradas para avaliar o nível de conhecimento financeiro dos graduandos. Dentre elas, cinco foram adaptadas da Pesquisa Global FinLit, conduzida pela Standard & Poor's (2014). A análise de Kapler, Lusardi e Oudheusden (2015), avalia o nível de conhecimento financeiro da população fundamentado nos quatro conceitos essenciais para a tomada da decisão financeira, sendo eles: juros compostos (questão 27), matemática (questão 26) que foi adaptada, inflação (questões 25 e 28) também adaptadas e diversificação de risco (questão 30).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online, no Google Forms no período de 01 de julho de 2025 até 30 de agosto de 2025. No início do questionário foi solicitado o aceite ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em seguida foram apresentadas 30 perguntas de múltipla escolha para identificar os perfis sociodemográficos dos estudantes, seus hábitos financeiros e seus conhecimentos sobre finanças. Não houve aplicação pré-teste por se tratar de perguntas de questionários já utilizados e testados por outros autores.

O público investigado nesta pesquisa foi composto por estudantes de graduação em João Pessoa. Para alcançar essa população, o questionário foi disponibilizado por meio de links compartilhados em grupos e contatos individuais no WhatsApp, divulgado no Instagram e aplicado em abordagens presenciais nas instituições de ensino, com o intuito de ampliar a taxa de participação. Embora a divulgação online possibilitasse maior alcance em termos de público potencial, verificou-se que as abordagens presenciais apresentaram maior eficácia na obtenção de respostas.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Para viabilizar a análise e a organização dos dados coletados, foram utilizados o Google Planilhas e o software Jeffrey's Amazing Statistics Program (JASP), com o propósito de organizar as informações e aplicar técnicas estatísticas definidas para verificar as relações entre as variáveis investigadas. A primeira premissa foi validada através do modelo Anova, e a segunda e terceira premissa foram analisadas por meio da regressão logística e regressão linear, conforme Quadro 2.

Quadro 2: Premissas x Análises Estatísticas

Premissas	Análise Estatística
P1: estudantes com maior renda familiar possuem maior conhecimento financeiro	Anova
P2: estudantes com maior conhecimento financeiro possuem melhores hábitos financeiros	Regressão Logística e Regressão Linear
P3: estudantes com maior experiência anterior em finanças possuem melhores hábitos financeiros atualmente	

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Inicialmente, foi realizada uma inspeção na base de dados a fim de verificar a existência de *outliers* e dados ausentes. Não foram verificadas observações extremas, isto é, 3 desvios-padrão abaixo ou acima da média, portanto não foram necessário tratamento para *outliers*. Com relação aos dados ausentes, foi adotado o procedimento de *listwise deletion*, isto é, a retirada do caso da análise (COOPER; SCHINDLER, 2016).

Para a análise dos dados, a P1 exigia comparação entre médias de grupos, de modo que foi implementado o Anova. Com relação aos pressupostos desse teste, a homogeneidade de variância foi avaliada pelo teste de Levene e a normalidade dos resíduos pelo gráfico Q-Q plot (COOPER; SCHINDLER, 2016). Apenas para a variável sexo (grupos masculino e feminino) o teste Levene indicou a não homogeneidade entre os grupos ($p = 0,001$), de modo que, como solução, foi implementado o Teste T de Welch (COOPER; SCHINDLER, 2016). O gráfico Q-

Q plot compara os quantis observados dos resíduos padronizados com os quantis esperados de uma distribuição normal. Os pontos devem seguir aproximadamente uma linha reta, sem desvios sistemáticos.

Para a análise da P2 e P3 foram implementadas regressões lineares múltiplas (RLM). Os pressupostos mais relevantes da RLM envolvem a linearidade das relações entre as variáveis, a ausência de multicolinearidade, a independência entre os erros e a normalidade dos resíduos (HAIR *et al.*, 2009). As variáveis independentes e as dependentes possuem a mesma escala (ancoradas de 1 a 5), garantindo a linearidade. A ausência de multicolinearidade foi avaliada pelo exame do Fator de Inflação de Variância VIF. Valores VIF abaixo de 5 sugerem não multicolinearidade (HAIR *et al.*, 2009). Com relação ao pressuposto de não autocorrelação entre os erros, a estatística de Durbin-Watson sugere a não violação para valores dentro dos limites inferior ($>1,5$) e superior ($<2,5$) (HAIR *et al.*, 2009). Quanto à normalidade dos resíduos, o gráfico Q-Q plot foi novamente avaliado, aceitando-se pequenos desvios nas extremidades, considerando que o amostras grandes ($N > 50$) são robustas à ausência de normalidade (COOPER; SCHINDLER, 2016).

A seguir serão discutidos os resultados da pesquisa e dos testes estatísticos utilizados para suportar, ou não, as premissas do estudo.

4.1 Perfil dos Participantes

Com o intuito de delinear o perfil socioeconômico e demográfico dos estudantes, foram considerados aspectos como sexo, idade, cor/raça/etnia, origem escolar no ensino fundamental e ensino médio, nível de escolaridade dos pais, renda individual e renda familiar. A Tabela 1 apresenta as características que compõem o perfil dos participantes.

Tabela 1: Perfil dos participantes da Pesquisa

Variável	Alternativa	Frequência	Percentual
Gênero	Feminino	221	60,05%
	Masculino	147	39,95%
Faixa Etária	Até 18 anos	35	9,51%
	19 a 25 anos	277	75,27%
	26 a 32 anos	39	10,60%
	33 a 40 anos	12	3,26%

	Acima de 40 anos	5	1,36%
Cor/Raça/Etnia	Amarela	2	0,54%
	Branca	159	43,21%
	Parda	157	42,66%
	Preta	49	13,32%
	Prefiro Não Informar	1	0,27%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Os resultados apresentados na Tabela 1 indicam que a maioria dos participantes da pesquisa são do sexo feminino (60,05%), enquanto 39,95% representam o sexo masculino. Quanto à faixa etária, 75,27% dos participantes possuem idade entre 19 e 25 anos, 10,60% entre 26 e 32 anos, 9,51% até 18 anos, 3,26% de 33 a 40 anos e 1,36% representam os participantes com idade superior a 40 anos.

No que se refere à formação escolar dos participantes, 48,91% relataram ter concluído o ensino fundamental integralmente em escola particular, enquanto 26,09% cursaram integralmente em escola pública. Quanto ao ensino médio, 50,82% concluíram integralmente em escola pública, enquanto 38,86% integralmente em escola particular, conforme Tabela 2.

Tabela 2: Perfil escolar dos participantes da Pesquisa

Variável	Alternativa	Frequência	Percentual
Cursou Ensino Fundamental	Integralmente em escola pública	96	26,09%
	Maior parte em escola pública	41	11,14%
	Integralmente em escola particular	180	48,91%
	Maior parte em escola particular	46	12,50%
	Integralmente em escola filantrópica	4	1,09%
	Maior parte em escola filantrópica	1	0,27%
Cursou Ensino Médio	Integralmente em escola pública	187	50,82%
	Maior parte em escola pública	12	3,26%
	Integralmente em escola particular	143	38,86%
	Maior parte em escola particular	18	4,89%
	Integralmente em escola filantrópica	8	2,17%
	Maior parte em escola filantrópica	0	0,00%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

No que se refere ao nível de escolaridade dos pais, 33,97% dos participantes informaram que a mãe concluiu o ensino médio, enquanto 27,99% relataram a mesma escolaridade para o

pai, conforme apresentado na Tabela 3. Esses resultados divergem dos dados coletados por Guida (2023), nos quais 31,23% das mães e 32,36% dos pais não concluíram o ensino fundamental.

Tabela 3: Nível de escolaridade dos pais dos participantes da Pesquisa

Variável	Alternativa	Mãe		Pai	
		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Nível escolaridade	Sem escolaridade	10	2,72%	14	3,80%
	Ensino fundamental completo	18	4,89%	31	8,42%
	Ensino fundamental incompleto	34	9,24%	68	18,48%
	Ensino médio completo	125	33,97%	103	27,99%
	Ensino médio incompleto	28	7,61%	27	7,34%
	Ensino superior completo	82	22,28%	61	16,58%
	Ensino superior incompleto	18	4,89%	14	3,80%
	Pós-graduação	34	9,24%	22	5,98%
	Mestrado	7	1,90%	5	1,36%
	Doutorado	6	1,63%	4	1,09%
	Não sei	6	1,63%	18	4,89%
	Prefiro não informar	0	0,00%	1	0,27%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

No que se refere à renda individual dos participantes, foram registradas respostas de 349 indivíduos, havendo 19 casos sem informação. Considera-se que essas ausências podem estar relacionadas à inexistência de renda própria desse subgrupo, uma vez que, na questão subsequente referente à renda familiar, todos os participantes forneceram respostas. Tal padrão sugere que, apesar de não possuírem renda individual, esses participantes contribuem para a análise por meio das informações sobre o contexto familiar.

De acordo com a Tabela 4, a maioria dos participantes possuem renda de até 1 salário mínimo (75,07%), enquanto em relação a renda familiar, os maiores percentuais de renda variam de 2 a 4 salários mínimos (57,33%). Os resultados estão em concordância com os dados coletados por Guida (2023), nos quais o perfil de renda individual e familiar dos participantes são de até 1 salário mínimo (54,85%) e 2 a 4 salários mínimos (60,52%), respectivamente.

Tabela 4: Renda individual e familiar dos participantes da Pesquisa

Variável	Alternativa	Individual		Familiar	
		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Renda	Até R\$ 1.518,00 (1 SM)	262	75,07%	63	17,12%
	De R\$ 1.518,01 a R\$ 3.036,00 (2 SM)	54	15,47%	70	19,02%
	De R\$ 3.036,01 a R\$ 4.554,00 (2 a 3 SM)	19	5,44%	71	19,29%
	De R\$ 4.554,01 a R\$ 6.072,00 (3 a 4 SM)	11	3,15%	70	19,02%
	De R\$ 6.072,01 a R\$ 7.590,00 (4 a 5 SM)	2	0,58%	36	9,78%
	De R\$ 7.590,01 a R\$ 12.144,00 (5 a 8 SM)	1	0,29%	37	10,05%
	De R\$ 12.144,01 a R\$ 22.770,00 (8 a 15 SM)	0	0,00%	16	4,35%
	Acima de R\$ 22.770,01 (15 SM)	0	0,00%	5	1,37%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

4.2 Hábitos Financeiros dos Participantes

Com o objetivo de identificar os hábitos financeiros dos participantes, foram elaboradas questões que abordaram o histórico de contato com finanças no ambiente familiar e escolar, práticas de controle e planejamento do orçamento mensal, métodos de organização financeira, frequência de compras a prazo, percentual de dívidas em atraso, constituição de reserva financeira e destinação de parte dos recursos para seguros, previdência complementar e investimentos

A maioria dos participantes (53,80%) declararam que, durante a infância, não mantinham conversas com os pais sobre dinheiro, enquanto 27,18% afirmaram o contrário. Quando questionados sobre a presença de conteúdos no ensino fundamental ou médio que os auxiliassem a lidar com dinheiro, 70,92% dos participantes responderam negativamente, enquanto 19,03% afirmaram ter tido esse tipo de experiência, conforme Tabelas 5 e 6.

Os resultados desta pesquisa corroboram os achados de Guida (2023), segundo os quais apenas 16,02% dos participantes relataram ter conversado com os pais sobre dinheiro durante a infância, enquanto 80,74% negaram a presença de conteúdos escolares que contribuíssem para

o desenvolvimento de habilidades de gestão financeira. Esses dados reforçam a lacuna existente tanto no ambiente familiar quanto no escolar em relação à educação financeira.

Tabela 5: Discussão sobre finanças no ambiente familiar

Quando criança, meus pais e eu tratávamos de assuntos relacionado a dinheiro:		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	87	23,64%
Discordo	111	30,16%
Não Concordo nem Discordo	70	19,02%
Concordo	75	20,38%
Concordo Totalmente	25	6,80%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Tabela 6: Conteúdo sobre finanças no ambiente escolar

No ensino fundamental ou médio tive algum conteúdo (disciplina ou projeto) que me ajudou a lidar com assuntos relacionados a dinheiro:		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	163	44,29%
Discordo	98	26,63%
Não Concordo nem Discordo	37	10,05%
Concordo	54	14,67%
Concordo Totalmente	16	4,36%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Em relação à renda dos participantes, 32,88% declararam gastar mais do que ganham, resultando em falta de recursos no final do mês; 32,34% afirmaram que seus gastos equivalem exatamente ao que recebem, não havendo sobras; e 30,43% relataram gastar menos do que ganham, possibilitando, portanto, a formação de uma sobra financeira ao término do mês, conforme Tabela 7. Os resultados divergem com os de Guida (2023) que apresentou os percentuais 24,11%, 30,42% e 37,38% respectivamente, para as afirmações anteriores.

Tabela 7: Controle de renda dos participantes da Pesquisa

Em relação a minha renda, posso afirmar que:		
Alternativa	Frequência	Percentual

Gasto mais do que ganho, ou seja, falta dinheiro no final do mês	121	32,88%
Gasto o mesmo que ganho, ou seja, não sobra dinheiro no final do mês	119	32,34%
Gasto menos do que ganho, ou seja, sobra dinheiro no final do mês	112	30,43%
Não sei responder	16	4,35%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Quanto ao controle periódico das receitas e despesas, Tabela 8, 56,25% dos participantes declararam realizar esse acompanhamento, enquanto 30,71% afirmaram não adotar tal prática. Os resultados de Guida (2023) foram parecidos, de acordo com os dados obtidos 49,68% dos participantes concordaram que controlam suas finanças periodicamente, enquanto 29,94% discordaram total ou parcialmente da afirmação.

Tabela 8: Controle periódico das finanças dos participantes da Pesquisa

Controlo meu dinheiro periodicamente, ou seja, pelo menos uma vez por semana vejo quanto tenho, quanto estou gastando e com o que estou gastando:		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	35	9,51%
Discordo	78	21,20%
Não Concordo nem Discordo	48	13,04%
Concordo	132	35,87%
Concordo Totalmente	75	20,38%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Em relação aos métodos de organização para o controle das finanças dos participantes, 46,70% informaram que não controlam suas receitas e despesas, enquanto 53,26% utilizam planilhas, agendas/cadernos/*planner* e aplicativos para realizarem o controle periódico dos seus gastos. Esse tópico não foi abordado nos modelos de questionários que serviram de base para o presente estudo, portanto não pode ser complementado com análises de outros autores.

Quando perguntados sobre a frequência que realizam compras a prazo, 57,61% dos participantes afirmaram que compram a prazo pelo menos 1 vez por mês, enquanto 27,99% negaram a afirmação, conforme Tabela 9. Esses resultados divergem das análises de Guida (2023) pois de acordo com os resultados, 39,48% dos participantes concordaram total ou parcialmente quanto a realização de compras a prazo, enquanto 42,40% negaram a afirmativa.

Tabela 9: Frequência de compras a prazo dos participantes da Pesquisa

Realizo compras a prazo com frequência, ou seja, pelo menos uma vez por mês:		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	33	8,97%
Discordo	70	19,02%
Não Concordo nem Discordo	53	14,40%
Concordo	159	43,21%
Concordo Totalmente	53	14,40%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Os participantes também foram questionados sobre a principal forma de pagamento utilizada em compras a prazo. A maioria indicou o cartão de crédito parcelado como principal modalidade (70,39%), enquanto 11,68% afirmaram não realizar esse tipo de transação, conforme Tabela 10. Os resultados de Guida (2023) também indicam o cartão de crédito parcelado como principal forma de pagamento, representando 50,65% dos participantes.

Tabela 10: Principal forma de pagamento nas compras a prazo dos Participantes

Quando compro a prazo, uso como principal forma de pagamento:		
Alternativa	Frequência	Percentual
Caderneta	1	0,27%
Cheques pré-datados	0	0,00%
Crediários	1	0,27%
Cartão de crédito (parcelado)	259	70,39%
Cartão de crédito (sem parcelar)	57	15,49%
Não sei responder	7	1,90%
Não realizo compras a prazo	43	11,68%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

No que se refere ao comprometimento da renda, Tabela 11, 20,65% dos participantes declararam destinar mais de 50% de seus rendimentos ao pagamento de compras a prazo. Além disso, 30,71% afirmaram não saber estimar esse percentual, o que evidencia a ausência de um controle financeiro mais estruturado. Os resultados são condizentes com os dados da pesquisa de Guida (2023), nos quais 18,45% dos participantes declararam esse mesmo percentual de comprometimento em suas finanças de curto, médio e longo prazo.

Em relação ao percentual de dívidas em atraso, Tabela 12, 53,52% dos participantes relataram não possuir pendências, enquanto 21,48% declararam ter entre 10% e 50% de suas dívidas vencidas. Os resultados encontrados são semelhantes aos observados por Guida (2023), que identificou que 67,80% dos participantes não apresentavam dívidas em atraso. Essa semelhança sugere um padrão consistente de controle financeiro entre estudantes, indicando que uma parcela significativa da população avaliada consegue administrar suas obrigações de forma a evitar atrasos nos pagamentos.

Tabela 11: Percentual de renda destinada ao pagamento de compras a prazo

O percentual da minha renda mensal individual destinada para o pagamento das compras a prazo é:		
Alternativa	Frequência	Percentual
Até 10%	21	5,71%
De 10,01% a 20%	25	6,79%
De 20,01% a 30%	40	10,87%
De 30,01% a 40%	32	8,70%
De 40,01% a 50%	28	7,61%
Acima de 50%	76	20,65%
Não sei responder	113	30,71%
Não compro a prazo, somente a vista	33	8,96%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Tabela 12: Percentual de compras a prazo com pagamento em atraso

De modo geral, o percentual das minhas compras a prazo com pagamento em atraso é de:		
Alternativa	Frequência	Percentual
Até 10%	39	10,60%
De 10,01% a 20%	21	5,71%
De 20,01% a 30%	5	1,36%
De 30,01% a 40%	10	2,72%
De 40,01% a 50%	4	1,09%
Acima de 50%	7	1,90%
Não sei responder	85	23,10%
Não tenho contas em atraso	197	53,52%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Os participantes também foram questionados sobre a frequência com que solicitam desconto em compras à vista, Tabela 13. Do total de respondentes, 40,76% afirmaram não pedir desconto, enquanto 40,22% declararam fazê-lo total ou parcialmente. Os resultados de Guida (2023) mostraram que 55,67% dos participantes pedem desconto, enquanto que 26,37% negaram a afirmação. Esses resultados indicam que uma parcela considerável dos estudantes não adota práticas de negociação financeira, o que pode refletir falta de conscientização sobre estratégias de economia ou hábitos de consumo pouco orientados.

No que se refere à formação de reservas de emergência, 49,45% dos participantes relataram guardar parte de sua renda para eventualidades, enquanto 36,96% discordaram total ou parcialmente dessa prática, conforme Tabela 14. Comparativamente, Guida (2023) apontou que apenas 21,52% dos respondentes mantinham reservas financeiras para imprevistos. Esses dados sugerem que, na amostra deste estudo, os estudantes apresentam maior conscientização sobre a importância do planejamento financeiro, refletindo uma tendência de comportamento mais prudente e voltado para a segurança econômica pessoal.

Tabela 13: Pedidos de descontos quando comprem à vista

Sempre que compro a vista peço desconto:		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	47	12,77%
Discordo	102	27,99%
Não Concordo nem Discordo	70	19,02%
Concordo	77	20,92%
Concordo Totalmente	72	19,30%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Tabela 14: Reserva de emergência

Mensalmente, guardo uma parte da minha renda individual para eventualidades:		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	46	12,50%
Discordo	90	24,46%
Não Concordo nem Discordo	50	13,59%
Concordo	125	33,97%
Concordo Totalmente	57	15,48%

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Os participantes também foram questionados se reservam parte da sua renda para contratar seguros. Do total de participantes 83,97% discordaram total ou parcialmente dessa afirmação. Somente 9,78% utilizam parte das suas receitas para adquirir seguros, conforme Tabela 15. Esses resultados são semelhantes com os de Guida (2023), nos quais 60,36% dos respondentes informaram que não destinam recurso para essa finalidade, enquanto somente 11,65% afirmaram contratar esse produto financeiro.

Tabela 15: Utilização da renda para contratação de seguros

Uso parte da minha renda individual para contratar seguro para os bens que possuo: (ex: casa, carro, vida, aluguel, etc)		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	182	49,46%
Discordo	127	34,51%
Não Concordo nem Discordo	23	6,25%
Concordo	23	6,25%
Concordo Totalmente	13	3,53%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Em relação à contribuição para planos de previdência complementar, 85,60% dos participantes discordaram total ou parcialmente da afirmação de que realizam tais contribuições, enquanto apenas 8,15% declararam efetivamente participar desses planos, de acordo com os dados na Tabela 16. Esses resultados são consistentes com os observados por Guida (2023), em que 66,99% dos respondentes também não consideravam a contribuição para esse tipo de previdência, evidenciando um baixo engajamento dos estudantes com estratégias de planejamento financeiro de longo prazo.

Tabela 16: Contribuição para planos de previdência complementar

Contribuo mensalmente para planos de previdência complementar:		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	179	48,64%
Discordo	136	36,96%
Não Concordo nem Discordo	23	6,25%
Concordo	23	6,25%
Concordo Totalmente	7	1,90%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A última questão relativa aos hábitos financeiros dos estudantes buscou compreender sua relação com investimentos. Dos participantes, 66,57% discordaram total ou parcialmente da afirmativa, enquanto 22,02% declararam aplicar parte de sua renda em investimentos. Esses resultados estão em consonância com os achados de Guida (2023), segundo os quais 53,24% dos respondentes afirmaram não destinar recursos a essa finalidade, reforçando a baixa adesão a práticas de investimento entre estudantes universitários. A amostra detalhada consta na Tabela 17.

Tabela 17: Realização de investimentos com a renda individual

Faço investimentos com parte da minha renda individual:		
Escala	Frequência	Percentual
Discordo Totalmente	129	35,05%
Discordo	116	31,52%
Não Concordo nem Discordo	42	11,41%
Concordo	63	17,12%
Concordo Totalmente	18	4,90%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Os resultados obtidos na pesquisa sobre os hábitos financeiros de estudantes de graduação evidenciam a necessidade de fortalecimento da educação financeira nesse público. A elevada proporção de participantes que não mantêm reservas de emergência, não contribui para planos de previdência complementar ou não realiza investimentos demonstra fragilidades no planejamento de médio e longo prazo. Além disso, a ausência de práticas consistentes de controle das receitas e despesas e a falta de diálogo sobre finanças no ambiente familiar e escolar reforçam a lacuna formativa existente. Tais constatações apontam para a urgência de políticas e iniciativas voltadas à inclusão da educação financeira nos diferentes níveis de ensino, de modo a capacitar os estudantes a tomar decisões mais conscientes e sustentáveis em relação ao uso de seus recursos.

4.3 Conhecimentos Financeiros dos Participantes

Para medir o conhecimento financeiro dos estudantes de graduação foram utilizadas sete perguntas sobre os temas de inflação, aritmética, juros compostos, diversificação de risco, seguros e investimentos. Dessas perguntas, cinco foram adaptadas da Pesquisa Global FinLit,

conduzida pela Standard & Poor's (2014) com mais de 150.000 adultos para medir a educação financeira ao redor do mundo. As respostas corretas estão em negrito.

O primeiro tema analisado refere-se à inflação, abordada nas questões 25 e 28. A questão 25 propôs a seguinte situação: 'Suponha que, nos próximos 10 anos, os preços dos itens que você compra regularmente dobrem de valor. Se o seu rendimento também dobrar, você conseguirá comprar...'. Já a questão 28 apresentou o seguinte enunciado: 'Um banco pagou juros de 10% ao ano para sua conta poupança e, no mesmo período, a inflação foi de 15%. Após deixar o seu dinheiro aplicado por um ano, pode-se afirmar que você seria capaz de comprar...'. Conforme as tabelas 18 e 19, é possível observar que 53,26% acertaram a questão 25, enquanto 45,11% dos participantes acertaram a questão 28. Outra observação é que na questão 28, a maioria errou ou não soube responder à questão (54,89%). Esses resultados são semelhantes com os de Guida (2023), nos quais 53,24% dos respondentes acertaram a primeira questão e 55,34% acertaram a segunda.

Tabela 18: Conhecimento financeiro em relação a inflação (pergunta 25)

Suponha que nos próximos 10 anos, os preços dos itens que você compra regularmente dobrem de preço. Se o seu rendimento também dobrar, você comprará:		
Alternativas	Frequência	Percentual
Mais do que pode comprar hoje	44	11,96%
Menos do que pode comprar hoje	77	20,92%
O mesmo que pode comprar hoje	196	53,26%
Não sei responder	51	13,86%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Tabela 19: Conhecimento financeiro em relação a inflação (pergunta 28)

Um banco pagou juros de 10% ao ano para sua conta poupança e, no mesmo ano, a inflação foi de 15%. Após deixar o seu dinheiro naquela poupança por um ano, pode-se afirmar que você seria capaz de comprar:		
Alternativas	Frequência	Percentual
Mais do que pode comprar hoje	23	6,25%
Menos do que pode comprar hoje	166	45,11%
O mesmo que pode comprar hoje	19	5,16%
Não sei responder	160	43,48%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A próxima questão analisada foi a 26 (Você precisa tomar emprestado R\$ 100,00. Qual a menor quantia que você deve devolver ao credor?) que trata sobre aritmética conforme apresentado na Tabela 20. Do total de participantes, 43,48% acertaram a questão enquanto 56,52% erraram ou não souberam responder. De acordo com os resultados de Guida (2023), a maioria dos participantes também erraram a pergunta ou não souberam responder, enquanto 44,50% acertaram a questão.

Tabela 20: Conhecimento financeiro em relação a aritmética (pergunta 26)

Você precisa tomar emprestado R\$ 100,00. Qual a menor quantia que você deve devolver ao credor? (desconsidere transferências entre amigos e familiares)		
Alternativas	Frequência	Percentual
Entre R\$ 100,00 e R\$ 120,00	76	20,65%
Os mesmos R\$ 100,00	70	19,02%
Os R\$ 100,00 mais os juros contratados	160	43,48%
Não sei responder	62	16,85%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Outra questão analisada diz respeito ao conceito de juros compostos, especificamente a questão 27, que apresentou a seguinte situação: 'Considere que você tem R\$ 100,00 aplicados em uma poupança e o banco paga 10% ao ano. Se você não movimentar essa conta, quanto terá após cinco anos?'. Conforme apresentado na Tabela 21, 40,76% dos participantes responderam corretamente, enquanto 59,24% forneceram respostas incorretas ou não souberam responder. Na amostra de Guida (2023), 42,39% escolheram a alternativa correta, enquanto os outros respondentes erraram ou não souberam responder.

Tabela 21: Conhecimento financeiro em relação a juros compostos (pergunta 27)

Considere que você tem R\$ 100,00 aplicados em uma poupança e o banco paga de 10% ao ano. Se você não movimentar essa conta (não fizer depósitos ou retiradas), quanto terá na mesma conta após cinco anos?		
Alternativas	Frequência	Percentual
Exatamente R\$ 150,00	88	23,91%
Mais de R\$ 150,00	150	40,76%
Menos de R\$ 150,00	35	9,51%
Não sei responder	95	25,82%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A questão relacionada ao tema de seguros corresponde à de número 29: 'Quando você contrata um seguro, você está procurando...'. De acordo com os resultados obtidos, apenas 17,12% dos participantes responderam corretamente, enquanto 82,88% erraram ou não souberam responder, conforme apresentado na Tabela 22. De acordo com os resultados da amostra de Guida (2023), apenas 12,46% responderam corretamente.

Tabela 22: Finalidade de contratar um seguro

Quando você contrata um seguro, você está procurando:		
Alternativas	Frequência	Percentual
Evitar o risco de um eventual imprevisto	133	36,14%
Reduzir o risco de um eventual imprevisto	98	26,63%
Transferir para terceiros o maior custo de um imprevisto	63	17,12%
Não sei responder	74	20,11%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Os conhecimentos relacionados à diversificação de risco e aos investimentos foram avaliados pelas questões 30 e 31. A questão 30 apresentou a seguinte situação: 'Considere que você possui algum dinheiro para realizar investimentos, é mais seguro investir em...', enquanto a questão 31 tratou da adequação de ativos ao perfil de investidor: 'Um investidor, após a realização da sua Análise do Perfil do Investidor (API), identificou-se como conservador. Quais dos ativos abaixo são os mais recomendados para esse tipo de perfil?'. Conforme os dados das Tabelas 23 e 24, 57,88% dos participantes responderam corretamente à primeira questão, enquanto 42,12% erraram ou não souberam responder. Os resultados dessa questão evidenciado por Guida (2023) demonstra que 46,60% dos participantes acertaram essa pergunta, enquanto 53,40% erraram ou não souberam responder.

Além disso, verificou-se que 47% dos estudantes não souberam identificar os tipos de investimentos mais adequados para um perfil conservador. Como essa última questão foi criada, não foi possível fazer comparações.

Tabela 23: Conhecimento sobre diversificação de risco (pergunta 30)

Considere que você possui algum dinheiro para realizar investimentos, é mais seguro investir em:		
Alternativas	Frequência	Percentual
Vários ativos (aplicação, negócio, empresa)	213	57,88%
Um único ativo (aplicação, negócio, empresa)	63	17,12%
Não sei responder	92	25,00%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Tabela 24: Conhecimento sobre recomendação dos tipos de investimentos

Um investidor, após a realização da sua análise do perfil de investidor (API), identificou-se como conservador. Quais dos ativos abaixo são os mais recomendados para este tipo de perfil?		
Alternativas	Frequência	Percentual
Tesouro Direto, CDB, RDC e LCA	130	35,33%
BDR'S, Fundos Imobiliários, Ações e Derivativos	15	4,08%
Poupança, Derivativos, LCI e Ações	50	13,59%
Não sei responder	173	47,00%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A análise dos resultados da pesquisa sobre educação financeira entre estudantes de graduação evidencia um desempenho heterogêneo. Observa-se que a maioria dos participantes conseguiu responder corretamente às questões relacionadas à inflação, à aritmética e aos juros compostos, assim como às questões sobre diversificação de risco, indicando maior familiaridade com conceitos básicos e de aplicação prática mais frequente no cotidiano. Por outro lado, o desempenho foi insatisfatório nas questões relacionadas a seguros e às recomendações de investimentos adequados ao perfil do investidor, nas quais a maioria dos estudantes apresentou dificuldades.

Essas discrepâncias podem ser justificadas pelo fato de que conceitos como inflação, cálculos simples e noções de juros estão mais presentes na experiência diária dos estudantes, seja em compras, no uso de crédito ou em debates econômicos amplamente divulgados pela mídia. Em contrapartida, temas como seguros e perfil de investimentos exigem conhecimentos mais técnicos, menos abordados no cotidiano e muitas vezes ausentes na formação acadêmica tradicional, o que explica a baixa performance nesses tópicos. Assim, os resultados reforçam a necessidade de ampliar o acesso a conteúdo de educação financeira que contemplem não apenas os conceitos básicos, mas também áreas mais específicas, ligadas ao planejamento financeiro de médio e longo prazo.

Após a discussão sobre o perfil sociodemográfico e econômico dos participantes, seus hábitos financeiros e seus conhecimentos sobre finanças, foram levantadas quatro hipóteses para serem testadas e suportadas por meio de técnicas e análises estatísticas, que serão descritas no próximo tópico.

4.4 Análises Estatísticas para os Testes das Hipóteses

De acordo com o Quadro 2, as premissas desta pesquisa foram elaboradas com o objetivo de analisar possíveis relações da renda familiar e conhecimento financeiro, bem como a relação entre conhecimento financeiro e hábitos financeiros. Além disso, buscou-se verificar se experiências anteriores na área de finanças poderiam influenciar positivamente o desenvolvimento de melhores práticas financeiras no presente. Concluída essa etapa, procedeu-se ao tratamento dos dados, no qual as variáveis foram estruturadas e codificadas de forma padronizada, visando garantir consistência, confiabilidade e maior precisão na realização das análises estatísticas, conforme o Quadro 3.

Quadro 3: Codificação das variáveis estudadas

Variável	Escala
Hábitos	
HAB1 - Em relação a minha renda, posso afirmar que:	Gasto menos do que ganho; gasto o mesmo que ganho; gasto mais do que ganho; não sei responder; não tenho interesse em responder
HAB2 - Controlo meu dinheiro periodicamente, ou seja, pelo menos uma vez por semana vejo quanto tenho, quanto estou gastando e com o que estou gastando:	Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5)
HAB3 - De modo geral, o percentual das minhas compras a prazo com pagamento em atraso é de:	Até 10%; de 10,01% a 20%; de 20,01% a 30%; de 30,01% a 40%; de 40,01% a 50%;

	acima de 50%; não sei responder; não compro a prazo
HAB4 - Sempre que compro a vista, peço desconto	Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5)
HAB5 - Mensalmente, guardo uma parte da minha renda individual para eventualidades	Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5)
HAB6 - Uso parte da minha renda individual para contratar seguro para os bens que possuo (ex: casa, carro, vida, aluguel, etc)	Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5)
HAB7 - Contribuo mensalmente para planos de previdência complementar	Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5)
HAB8 - Faço investimentos com parte da minha renda individual	Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5)
Conhecimentos Financeiros	
CON1 - Suponha que nos próximos 10 anos, os preços dos itens que você compra regularmente dobrem de preço. Se o seu rendimento também dobrar, você comprará:	Mais do que pode comprar hoje; menos do que pode comprar hoje; o mesmo que pode comprar hoje; não sei responder
CON2 - Você precisa tomar emprestado R\$ 100,00. Qual a menor quantia que você deve devolver ao credor? (desconsidere transferências entre amigos e familiares)	Entre R\$ 100,00 e R\$ 120,00; os mesmos R\$ 100,00; os R\$ 100,00 mais os juros contratados; não sei responder; não tenho interesse em responder;
CON3 - Considere que você tem R\$ 100,00 aplicados em uma poupança e o banco paga de 10% ao ano. Se você não movimentar essa conta (não fizer depósitos ou retiradas), quanto terá na mesma conta após cinco anos?	Exatamente R\$ 150,00; mais de R\$ 150,00; menos de R\$ 150,00; não sei responder; não tenho interesse em responder
CON4 - Um banco pagou juros de 10% ao ano para sua conta poupança e, no mesmo ano, a inflação foi de 15%. Após deixar o seu dinheiro lá por um ano, pode-se afirmar que você seria capaz de comprar:	Mais do que pode comprar hoje; menos do que pode comprar hoje; o mesmo que pode comprar hoje; não sei responder; não tem interesse em responder
CON5 - Considere que você possui algum dinheiro para realizar investimentos, é mais seguro investir em:	Vários ativos; um único ativo; não sei responder; não tenho interesse em responder
Experiência Anterior	
EXP1 - Quando criança, meus pais e eu tratávamos de assuntos relacionados a dinheiro	Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5)
EXP2 - No ensino fundamental ou médio tive algum conteúdo (disciplina ou projeto) que me ajudou a lidar com assuntos relacionados a dinheiro	Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5)
Sexo	Masculino; feminino
Renda Familiar	Até R\$ 1.518,00 (1 SM); de R\$ 1.518,01 a R\$ 3.036,00 (2 SM); de R\$ 3.036,01 a R\$ 4.554,00 (2 a 3 SM); de R\$ 4.554,01 a R\$ 6.072,00 (3 a 4 SM); de R\$ 6.072,01 a R\$ 7.590,00 (4 a 5 SM); de R\$ 7.590,01 a R\$ 12.144,00 (5 a 8 SM); de R\$ 12.144,01 a R\$ 22.770,00 (8 a 15 SM); acima de R\$ 22.770,01 (15 SM)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025)

Inicialmente um Teste T foi implementado a fim de comparar a diferença das médias do escore de Conhecimento em função do sexo do respondente. O escore foi medido com base no número de acertos das questões 25, 26, 27, 28 e 30, em relação aos conhecimentos financeiros dos estudantes. A medida considerou 1 ponto para cada acerto, então os estudantes poderiam

ter um escore de 0 (errando todas as questões) até 5 (acertando todas as questões), por fim, foi feita uma média para verificar o escore de cada grupo. Conforme demonstrado na Tabela 25, embora as pessoas do sexo masculino possuam média ligeiramente superior, não foi verificada diferença estatisticamente significativa.

Tabela 25: Teste t da variável Conhecimento em função do sexo dos Participantes

Variável	Grupo	N	Média	Desvio-padrão	Teste t de Welch	p-valor
Conhecimento (escore)	Feminino	221	2,35	1,44	-0,794	0,428
	Masculino	147	2,48	1,69		

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Para o exame de P1, a variável Renda Familiar foi transformada em 3 grupos. No grupo de Renda Inferior (35,87%) ficaram indivíduos com renda até 2 SM, no grupo Renda Intermediária (38,32%) foram classificados os indivíduos com renda de 2 a 4 SM e, no Grupo de Renda Superior (25,82%) os indivíduos com renda superior a 4 SM. A partir disso, um teste ANOVA foi desenvolvido para verificar se existia diferença entre as médias dos grupos de renda sobre o escore de conhecimento. Conforme demonstra a Tabela 26, há ao menos uma diferença estatisticamente significativa entre os 3 grupos de Renda.

Tabela 26: Teste ANOVA da variável Conhecimento em função do nível de Renda

Variável	Grupo	N	Média	Desvio-padrão	Teste F
Conhecimento (escore)	Renda Inferior	132	2,02	1,45	7,078 (gl: 2); p < 0,001
	Renda Intermediária	141	2,48	1,52	
	Renda Superior	95	2,76	1,61	
Teste de Levene: F: 1,140 (gl:2); p = 0,321					

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Para avaliar quais grupos se diferem estatisticamente, o Post Hoc de Tukey foi implementado. para verificar se existia diferença entre as médias dos grupos de renda sobre o escore de conhecimento. Conforme demonstra a Tabela 27, embora não exista diferença entre os grupos de renda intermediária e superior, o grupo de renda inferior possui menor conhecimento, em média, que os grupos de renda intermediária e superior, o que suporta P1.

Tabela 27: Teste Post Hoc das diferenças no escore de Conhecimento em função do nível de Renda

Comparação entre os Grupos	Diferença das Médias	Erro-padrão	Teste t (p Tukey)
Renda Inferior - Renda Intermediária	-0,467	0,184	-2,542 (0,031)
Renda Inferior - Renda Superior	-0,743	0,204	-3,638 (< 0,001)
Renda Intermediária - Renda Superior	-0,276	0,201	-1,368 (0,359)

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Para verificar P2 e P3, as oito variáveis de hábitos financeiros foram avaliadas como variáveis dependentes. Inicialmente, a variável HAB1 (relacionada ao nível de gasto em relação a renda) foi transformada em uma variável *dummy*, com a resposta “gasto menos do que ganho” assumindo valor 1 e as respostas “gasto o mesmo do que ganho” e “gasto mais do que ganho” assumiram valor zero. Não sabem ou não quiseram responder foram considerados valores ausentes nesta análise. Assim, como a variável dependente assumiu a condição binária, um modelo de regressão logística foi desenvolvido para examinar o impacto do conhecimento e da experiência anterior (EXP1 e EXP2) no hábito de gastar menos do que a renda. As variáveis gênero e renda foram incluídas como variáveis de controle no modelo.

Conforme demonstrado na Tabela 28, o conhecimento é um fator que aumenta a probabilidade de o indivíduo gastar menos do que sua renda, corroborando P3. A avaliação da *odds-ratio* indica que a cada nível a mais que o indivíduo possui no escore de conhecimento, as chances de que ele gaste menos que a renda aumentam em 1,197. Por outro lado, a experiência anterior não demonstrou impacto significativo nos hábitos financeiros atuais, não suportando P3. De modo geral, o modelo se revelou significativo ($p = 0,022$) e adequado, conforme teste de Hosmer e Lemeshow ($p = 0,297$). No entanto, as variáveis como um todo tiveram pouco poder de explicação do hábito de gastar menos que a renda (R^2 NagelKerke: 5,9%).

Tabela 28: Modelo de regressão logística da variável HAB1 (Em relação a minha renda, gasto menos do que ganho)

Variável Dependente: Em relação a minha renda, gasto menos do que ganho (1); outras condições (0).						
Variáveis preditoras	Coefficiente não-padrão	Erro-padrão	Odds-ratio	z	p	VIF
Intercepto	-1,753	0,395	0,173	19,729	< 0,001	
Conhecimento (escore)	0,180	0,080	1,197	5,060	0,024	1,041
Experiência com os Pais	0,130	0,101	1,139	1,683	0,194	1,157
Experiência na escola	0,067	0,098	1,069	0,465	0,495	1,135
Sexo (masculino)	-0,392	0,251	0,676	2,434	0,119	1,053
Renda (intermediária)	0,233	0,287	1,262	0,657	0,418	1,077
Renda (maior)	0,387	0,305	1,472	1,610	0,204	

Modelo: ΔX^2 : 14,840 (gl: 340), $p = 0,022$; R^2 Nagelkerke: 0,059; Hosmer e Lemeshow: 0,297.

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Ainda quanto a avaliação de P2 e P3, as demais variáveis de hábitos financeiros foram avaliadas como variáveis dependentes em modelos de regressão linear múltipla. As variáveis independentes e de controle foram mantidas. Com relação à variável HAB2 (Controlo meu dinheiro periodicamente), o modelo foi significativo ($p < 0,001$) e atendeu aos pressupostos de não autocorrelação entre os resíduos (Durbin-Watson: 1,947) e não multicolinearidade entre as variáveis preditoras ($VIF \leq 1,082$). A avaliação da significância dos coeficientes demonstrou que o conhecimento e a experiência anterior com os pais aumentam o controle periódico do dinheiro, confirmando P2 e P3, respectivamente.

Tabela 29: Modelo de regressão linear múltipla da variável HAB2 (Controlo meu dinheiro periodicamente)

Variável Dependente: Controlo meu dinheiro periodicamente						
Variáveis preditoras	Coefficiente não-padronizado	Erro-padrão	Coefficiente Padronizado	t	p	VIF
Intercepto	2,690	0,204		13,182	< 0,001	
Conhecimento (escore)	0,193	0,042	0,234	4,547	< 0,001	1,025
Experiência com os Pais	0,131	0,055	0,129	2,370	0,018	1,082
Experiência na escola	0,063	0,054	0,062	1,157	0,248	1,068
Sexo (masculino)	-0,270	0,133		-2,025	0,044	1,026
Renda (intermediária)	-0,195	0,152		-1,280	0,201	1,022
Renda (maior)	-0,195	0,167		-1,168	0,243	
Modelo: F: 6,756 (gl: 6), $p < 0,001$; R^2 Ajustado: 0,087; Durbin-Watson: 1,947						
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)						

Quanto à variável HAB3 (percentual das compras a prazo com pagamento em atraso), o modelo não se revelou estatisticamente significativo ($p = 0,146$), de modo que, ainda que o impacto do conhecimento tenha sido significativo, não se pode concluir de que este resultado não tenha ocorrido pelo acaso. Desse modo, em relação à manutenção de pagamentos em atraso, P2 e P3 não foram suportadas.

Tabela 30: Modelo de regressão linear múltipla da variável HAB3 (percentual das compras a prazo com pagamento em atraso)

Variável Dependente: percentual das compras a prazo com pagamento em atraso						
Variáveis preditoras	Coefficiente não-padronizado	Erro-padrão	Coefficiente Padronizado	t	p	VIF
Intercepto	1,104	0,267		4,131	< 0,001	

Conhecimento (escore)	-0,119	0,056	-0,130	-2,122	0,035	1,027
Experiência com os Pais	0,007	0,071	0,006	0,098	0,922	1,084
Experiência na escola	0,041	0,070	0,038	0,589	0,556	1,075
Sexo (masculino)	0,001	0,173		0,008	0,994	1,019
Renda (intermediária)	-0,348	0,201		-1,731	0,085	1,019
Renda (maior)	-0,251	0,212		-1,181	0,239	
Modelo: F: 1,603 (gl: 6), p = 0,146; R ² Ajustado: 0,013; Durbin-Watson: 2,064						
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)						

Também com relação à variável HAB4 (Sempre que compro a vista, peço desconto), a significância do modelo global não se comprovou estatisticamente significativa ($p = 0,116$). Portanto, em relação ao hábito de comprar à vista, P2 e P3 também não foram suportadas.

Tabela 31: Modelo de regressão linear múltipla da variável HAB4 (Sempre que compro a vista, peço desconto)

Variável Dependente: Sempre que compro a vista, peço desconto						
Variáveis preditoras	Coefficiente não-padronizado	Erro-padrão	Coefficiente Padronizado	t	p	VIF
Intercepto	2,845	0,223		12,775	< 0,001	
Conhecimento (escore)	0,061	0,046	0,071	1,329	0,185	1,025
Experiência com os Pais	0,115	0,060	0,107	1,899	0,058	1,082
Experiência na escola	-0,074	0,059	-0,070	-1,258	0,209	1,068
Sexo (masculino)	-0,104	0,145		-0,718	0,473	1,026
Renda (intermediária)	-0,103	0,166		-0,623	0,534	1,022
Renda (maior)	0,155	0,182		0,853	0,394	
Modelo: F: 1,715 (gl: 6), p = 0,116; R ² Ajustado: 0,012; Durbin-Watson: 2,044						
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)						

No que tange à variável HAB5 (Guardo uma parte da minha renda individual para eventualidades), o modelo foi significativo ($p < 0,001$) e atendeu aos pressupostos de não autocorrelação entre os resíduos (Durbin-Watson: 1,858) e não multicolinearidade entre as variáveis preditoras ($VIF \leq 1,086$). A avaliação da significância dos coeficientes demonstrou que o conhecimento e a experiência anterior na escola aumentam o hábito de guardar dinheiro para eventualidades, confirmando P2 e P3, respectivamente.

Tabela 32: Modelo de regressão linear múltipla da variável HAB5 (Guardo uma parte da minha renda individual para eventualidades)

Variável Dependente: Guardo uma parte da minha renda individual para eventualidades						
Variáveis preditoras	Coefficiente não-padronizado	Erro-padrão	Coefficiente Padronizado	t	p	VIF
Intercepto	2,627	0,211		12,442	< 0,001	
Conhecimento (escore)	0,123	0,044	0,147	2,826	0,005	1,025

Experiência com os Pais	0,074	0,057	0,071	1,296	0,196	1,086
Experiência na escola	0,112	0,056	0,108	1,990	0,047	1,071
Sexo (masculino)	-0,260	0,138		-1,876	0,061	1,029
Renda (intermediária)	-0,295	0,158		-1,871	0,062	1,022
Renda (maior)	0,105	0,173		0,610	0,542	
Modelo: F: 5,343 (gl: 6), $p < 0,001$; R^2 Ajustado: 0,067; Durbin-Watson: 1,858						
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)						

Com relação à variável HAB6 (Uso parte da minha renda individual para contratar seguro), a significância do modelo global não foi significativa estatisticamente ($p = 0,571$). Portanto, em relação à contratação de seguros, P2 e P3 não foram suportadas.

Tabela 33: Modelo de regressão linear múltipla da variável HAB6 (Uso parte da minha renda individual para contratar seguro)

Variável Dependente: Uso parte da minha renda individual para contratar seguro						
Variáveis preditoras	Coefficiente não-padronizado	Erro-padrão	Coefficiente Padronizado	t	p	VIF
Intercepto	1,718	0,176		9,741	< 0,001	
Conhecimento (escore)	-0,037	0,036	-0,055	-1,019	0,309	1,025
Experiência com os Pais	-0,028	0,048	-0,034	-0,591	0,555	1,084
Experiência na escola	0,064	0,047	0,077	1,370	0,171	1,070
Sexo (masculino)	0,037	0,115		0,320	0,749	1,028
Renda (intermediária)	0,168	0,131		1,284	0,200	1,022
Renda (maior)	0,127	0,144		0,885	0,377	
Modelo: F: 0,799 (gl: 6), $p = 0,571$; R^2 Ajustado: <0,001; Durbin-Watson: 1,954						
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)						

Da mesma forma, quanto à variável HAB7 (Contribuo mensalmente para planos de previdência complementar), o modelo global não de forma significativa estatisticamente ($p = 0,232$). Portanto, em relação à contratação de previdência complementar, P2 e P3 não foram suportadas.

Tabela 34: Modelo de regressão linear múltipla da variável HAB7 (Contribuo mensalmente para planos de previdência complementar)

Variável Dependente: Contribuo mensalmente para planos de previdência complementar						
Variáveis preditoras	Coefficiente não-padronizado	Erro-padrão	Coefficiente Padronizado	t	p	VIF
Intercepto	1,663	0,162		10,276	< 0,001	
Conhecimento (escore)	-0,015	0,033	-0,024	-0,447	0,655	1,025
Experiência com os Pais	-0,018	0,044	-0,024	-0,415	0,678	1,081
Experiência na escola	0,113	0,043	0,147	2,624	0,009	1,066
Sexo (masculino)	-0,048	0,106		-0,454	0,650	1,029
Renda (intermediária)	-0,045	0,121		-0,377	0,706	1,023
Renda (maior)	-0,068	0,132		-0,514	0,607	

Modelo: F: 1,354 (gl: 6), p = 0,232; R² Ajustado: = 0,006; Durbin-Watson: 1,850

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Por fim, com relação à variável HAB8 (Faço investimentos com parte da minha renda individual), o modelo foi significativo ($p < 0,001$) e atendeu aos pressupostos de não autocorrelação entre os resíduos (Durbin-Watson: 2,045) e não multicolinearidade entre as variáveis preditoras ($VIF \leq 1,084$). A avaliação da significância dos coeficientes demonstrou que o conhecimento e a experiência anterior na escola aumentam o hábito de fazer investimentos com parte da renda, confirmando P2 e P3, respectivamente.

Tabela 35: Modelo de regressão linear múltipla da variável HAB8 (Faço investimentos com parte da minha renda individual)

Variável Dependente: Faço investimentos com parte da minha renda individual						
Variáveis preditoras	Coefficiente não-padronizado	Erro-padrão	Coefficiente Padronizado	t	p	VIF
Intercepto	1,457	0,201		7,263	< 0,001	
Conhecimento (escore)	0,103	0,041	0,129	2,487	0,013	1,025
Experiência com os Pais	-0,012	0,054	-0,012	-0,217	0,828	1,084
Experiência na escola	0,162	0,053	0,165	3,049	0,002	1,070
Sexo (masculino)	0,006	0,131		0,046	0,963	1,028
Renda (intermediária)	0,265	0,149		1,772	0,077	1,022
Renda (maior)	0,505	0,164		3,084	0,002	
Modelo: F: 5,185 (gl: 6), p < 0,001; R ² Ajustado: = 0,065; Durbin-Watson: 2,045						
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)						

O Quadro 4 sumariza o resultado das hipóteses. Em síntese, os resultados deste estudo evidenciam que quanto maior a renda, maior o nível de conhecimento financeiro. Além disso, quanto maior o nível de conhecimento financeiro, melhores são os hábitos relacionados a gastar menos que a renda, controlar o dinheiro periodicamente, guardar parte da renda para eventualidades e para fazer investimentos. Por fim, quanto maior a experiência anterior em finanças, trabalhadas com os pais ou com a escola, melhores são os hábitos relacionados a controlar o dinheiro periodicamente, guardar parte da renda para eventualidades e para fazer investimentos.

Quadro 4: Síntese dos resultados das hipóteses

Premissas	Significância do teste	Resultado da hipótese
-----------	------------------------	-----------------------

P1: Pessoas de maior renda têm maior conhecimento financeiro	Significativo	Suportada
P2: Pessoas de maior conhecimento possuem melhores hábitos financeiros	HAB1: Significativo	Parcialmente suportada, considerando que apenas 4 hábitos foram confirmados
	HAB2: Significativo	
	HAB3: Não significativo	
	HAB4: Não significativo	
	HAB5: Significativo	
	HAB6: Não significativo	
	HAB7: Não significativo	
	HAB8: Significativo	
P3: Pessoas com maior experiência anterior em finanças possuem melhores hábitos financeiros atualmente	HAB1: Não significativo	Parcialmente suportada, considerando que apenas 3 hábitos foram confirmados
	HAB2: Significativo	
	HAB3: Não significativo	
	HAB4: Não significativo	
	HAB5: Significativo	
	HAB6: Não significativo	
	HAB7: Não significativo	
	HAB8: Significativo	

Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com os dados da Pesquisa (2025)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo central analisar os hábitos e os conhecimentos financeiros dos estudantes de graduação da cidade de João Pessoa, com foco em compreender de que maneira fatores como renda familiar, contato prévio com práticas financeiras e nível de conhecimento influenciam na gestão de suas finanças. Os resultados obtidos permitiram não apenas mapear o cenário atual da educação financeira entre universitários, mas também identificar lacunas que evidenciam a necessidade de maior atenção a esse tema no ensino superior.

A análise dos resultados evidenciou um desempenho desigual entre os participantes. Verificou-se que a maioria demonstrou domínio sobre conceitos fundamentais, como inflação, aritmética, juros compostos e diversificação de risco, indicando familiaridade com aspectos mais presentes no cotidiano e de aplicação prática imediata. Em contrapartida, o desempenho foi significativamente inferior nas questões relacionadas a seguros e recomendações de investimentos adequados ao perfil do investidor, evidenciando lacunas de conhecimento em temas que exigem maior aprofundamento técnico e que não costumam fazer parte da vivência cotidiana dos estudantes. Essa discrepância ressalta a necessidade de uma educação financeira mais abrangente, que contemple não apenas noções básicas, mas também conteúdos de maior complexidade, indispensáveis ao planejamento financeiro de médio e longo prazo.

Além disso, os resultados indicaram que a renda familiar exerce um papel significativo no nível de conhecimento financeiro dos estudantes, sendo que aqueles com maior disponibilidade de recursos tendem a apresentar maior domínio sobre o tema. Não foram observadas diferenças relevantes em relação ao gênero. Observou-se ainda que um maior nível de conhecimento financeiro está associado a hábitos mais saudáveis, como gastar menos do que a renda disponível, realizar controle periódico das finanças, constituir reservas para emergências e destinar parte dos recursos a investimentos. Ademais, verificou-se que experiências anteriores em finanças, tanto no ambiente familiar quanto escolar, contribuem de maneira relevante para o desenvolvimento de práticas financeiras mais conscientes e responsáveis.

Nesse sentido, as evidências deste estudo oferecem contribuições relevantes tanto para a área acadêmica quanto para a esfera empresarial. No âmbito acadêmico, reforça-se a necessidade de incorporar de forma mais estruturada a educação financeira nos currículos do

ensino superior, promovendo a integração entre teoria e prática e preparando os estudantes para uma gestão mais eficiente de seus recursos. Já no campo empresarial, os resultados sinalizam a importância de iniciativas voltadas à capacitação financeira de jovens profissionais, favorecendo não apenas a saúde financeira individual, mas também o aumento da produtividade e a redução de riscos relacionados ao endividamento e à má gestão de recursos.

Portanto, este trabalho evidencia que a educação financeira é um fator essencial para o desenvolvimento pessoal, social e econômico, e destaca a urgência de estratégias mais eficazes para ampliar o acesso a esse conhecimento entre estudantes universitários, preparando-os para os desafios de um cenário econômico cada vez mais dinâmico e exigente.

REFERÊNCIAS

A gen Z está se tornando a geração mais endividada de todas. **The News**. São Paulo, 2025. Disponível em: <<https://thenewsc.beehiiv.com/p/04-01-2025-0b87eafaf2313631>>. Acesso em: 07 jul. 2025.

Agência do Consumidor Financeiro do Canadá. **Canadá**, 2015. Disponível em: <<https://www.canada.ca/en/financial-consumer-agency.html>>. Acesso em: 03 jul. 2025.

ANBIMA. **Educação Financeira: um retrato das iniciativas no Brasil**. Rede ANBIMA de educação. 2025. Disponível em: <https://www.anbima.com.br/data/files/9B/54/F2/61/48B5791010999579B82BA2A8/relatorio_ANBIMA_mapa_iniciativas_educacao_financeira.pdf?utm_source>. Acesso em: 06 jul. 2025.

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. **Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study**. OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, No. 15, OECD Publishing, Paris, 2012. Disponível em: <https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2012/03/measuring-financial-literacy_g17a210b/5k9csfs90fr4-en.pdf>. Acesso em: 04 jul.2025

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. **Promoting Financial Inclusion through Financial Education**. OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, n.34, 2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Cré**. Brasília, 13 mai. 2025. Instagram: @bancocentraldobrasil. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/DJmEKVIAGey/>>. Acesso em: 28 jun.2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Pla**. Brasília, 13 mai. 2025. Instagram: @bancocentraldobrasil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJmEUbcgjCc/>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Pou**. Brasília, 13 mai. 2025. Instagram: @bancocentraldobrasil. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/DJmEOPRgx5S/>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

BERGER, Rod. Por que a educação financeira no ensino superior é uma habilidade essencial para o futuro. **Forbes**, 2019. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/rodberger/2019/07/24/why-financial-literacy-in-higher-education-is-a-top-future-ready-skill/?utm_source>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOLDRINI, Gustavo. O perigo da economia da atenção: como o marketing de influência pode levar ao superendividamento. **InvesTalk**, 2025. Disponível em: <https://investalk.bb.com.br/noticias/quero-aprender/o-perigo-da-economia-da-atencao-como-o-marketing-de-influencia-pode-levar-ao-superendividamento?utm_source>. Acesso em: 06 jul. 2025.

BORGES, P. R S. **Educação Financeira: o novo perfil das famílias na administração das finanças pessoais**. IX ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. Unespar, Campo Mourão, 2014. Disponível em: <https://www.fecilcam.br/nupem/anais_ix_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/19.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BRYANT, John Hope. A educação financeira é a questão dos direitos civis desta geração. **Time**. Estados Unidos, 2024. Disponível em: <https://time.com/6694236/financial-literacy-john-hope-bryant/?utm_source>. Acesso em: 02 jul. 2025.

Caderno de Educação Financeira: Gestão de Finanças Pessoais. **Banco Central do Brasil**, 2013. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf?utm_source>. Acesso em: 30 jun. 2015.

CONNELL, Shaun. Um passo radical para erradicar a pobreza na America. **SC**, 2025. Disponível em: <https://shaunconnell.com/high-school-finance/?utm_source>. Acesso em: 06 jul. 2025

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 12 ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.

Efeitos de longo prazo da educação financeira em escolas brasileiras: evidências de ação educacional de 2010-2011. **Estudos Especiais do Banco Central**, 2019. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE082_Efeitos_de_longo_prazo_da_educacao_financeira_em_escolas_brasileiras_evidencias_de_acao_educacional_de_2010-2011.pdf>. Acesso em: 30 jun.2025.

Endividamento atinge mais de 76% das famílias em 2024 e reforça a falta de educação financeira no País. **OABPrev**. Paraná, 2025. Disponível em: <<https://www.oabprevpr.org.br/noticias/endividamento-atinge-mais-de-76-das-familias-em-2024-e-reforca-a-falta-de-educacao-financeira-no-pais/>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

Financial Education for Youth: The Role of Schools. **OECD**, 2014. Disponível em: <https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2014/04/financial-education-for-youth_g1glc3eb/9789264174825-en.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FORZA, Cipriano. Survey research in operations management: a process-based perspective. **International journal of operations & Productions management**. v .22, n. 2, p. 152-194, 2002.

GARCIA, Alexandre Novais. **Metade dos jovens da Geração Z, enfrenta dificuldade financeira, diz estudo**. UOL. São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/11/12/pesquisa-situacao-financeira.htm#:~:text=Segundo%20o%20estudo%20realizado%20no,ingresso%20no%20mercado%20de%20trabalho>>. Acesso em: 07 jul. 2025.

GUIDA, Juliana Lima de Rezende. **Mensuração e Avaliação do Nível de Alfabetização Financeira dos Alunos do Ensino Superior do IFSULDEMINAS**. Minas Gerais, 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração). Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2023.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo. Atlas, 2022

HAIR Jr., Joseph F.; ANDERSON, Ralph E.; TATHAM, Ronald T.; BLACK, Willian C. **Análise Multivariada de Dados**. 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009..

HUR, Krystal. **Geração Z tem salário menor, mais dívidas e maiores taxas de inadimplência, mostra pesquisa**. CNN. Nova York, 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/financas/geracao-z-tem-salario-menor-mais-dividas-e-maiores-taxas-de-inadimplencia-mostra-pesquisa/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

ITATIAIA. **ABANDONO NO ENSINO SUPERIOR DISPARA NO NO BRASIL E PREOCUPA**. YouTube, 30 de março de 2025. 4:04 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7xmGxM0OQA>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Jovens chegam ao mercado de consumo com alto grau de endividamento. **ANBC**, 2019. Disponível em: https://anbc.org.br/jovens-chegam-ao-mercado-de-consumo-com-alto-grau-de-endividamento/?utm_source=. Acesso em: 07 jul. 2025.

KLAPPER, Leora; DEMIRGUC-KUNT, Asli. **Measuring Financial Inclusion: The Global Findex Database**. Policy Research Working Paper, 2012.

KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria; OUDHEUSDEN, Peter Van. **Financial Literacy Around the World: insights the Standard & Poor's Ratings Services Global Financial Literacy Survey**. GFLEC, 2015. Disponível em: https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/3313-Finlit_Report_FINAL-5.11.16.pdf. Acesso em: 04 jul. 2025.

LEMONS, Flávio. **Dinheiro: modo de usar - guia prático de finanças pessoais para você investir, transformar sua vida e ser bem-sucedido**. 1. ed. São Paulo, Benvirá, 2020. p. 25.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence**. Journal Of Economic Literature, v.52, n.1, p.5-44, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Atlas. 9 ed. São Paulo, 2023.

MENDES, Yara de Matos. **Análise do Nível de Educação Financeira dos Professores do Instituto Federal de Minas Gerais do Campus Bambuí**. Bambuí, 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) Universidade Federal de Itajubá, Itajubá 2021.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; MUSSI, Leila Maria Prates Teixeira; ASSUNÇÃO, Emerson Tadeu Cotrim; NUNES, Claudio Pinto. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 414–430, 2020. DOI: 10.12957/sustinere.2019.41193. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/41193>. Acesso em: 20 ago. 2025.

OECD – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Improving Financial Literacy: Analysis Of Issues And Policies**. Paris, 2005. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2005/11/improving-financial-literacy_g1gh5cd2/9789264012578-en.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

OECD. **Moldando a literacia financeira dos estudantes: O papel dos pais e dos contextos socioeconômicos**. PISA em Foco. n.º 126. OECD Publishing. Paris, 2024. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2024/06/shaping-students-financial-literacy_197a8f87/c3f3dc74-en.pdf. Acesso em: 02 jul. 2025.

OECD. **PISA 2018 Results (Volume IV): Are Students Smart about Money?**. PISA, OECD Publishin. Paris, 2020. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2020/05/pisa-2018-results-volume-iv_de8bf20b/48ebd1ba-en.pdf. Acesso em: 03 jul. 2025.

PAIM, Roberto. No vermelho: 46% dos jovens brasileiros estão endividados. **Educa+Brasil**. Bahia, 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/no-vermelho-46-dos-jovens-brasileiros-estao-endividados>>. Acesso em: 28 jun.2025.

POTRICH, A. C. G. **Alfabetização financeira: integrando conhecimento, atitude e comportamento financeiros**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Administração – Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul.2014.

Quase metade da Geração Z recebe ajuda financeira dos pais, diz estudo. **Terra**, 2024. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/quase-metade-da-geracao-z-recebe-ajuda-financeira-dos-pais-diz-estudo,8e2fb4859f91d47d00abdbecd9a0314f8qrtwza1.html>>. Acesso em: 07 jul. 2025.

Quase metade dos jovens brasileiros não controla seus gastos. **Prevdata**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://www.prevdata.org.br/quase-a-metade-dos-jovens-brasileiros-nao-controla-seus-gastos/#:~:text=Lojistas%20\(CNDL\)%20e%20pelo%20Servi%C3%A7o%20de%20Prote%C3%A7%C3%A3o,pregui%C3%A7a%20\(18%25\)%20e%20n%C3%A3o%20ter%20h%C3%A1bito%20ou](https://www.prevdata.org.br/quase-a-metade-dos-jovens-brasileiros-nao-controla-seus-gastos/#:~:text=Lojistas%20(CNDL)%20e%20pelo%20Servi%C3%A7o%20de%20Prote%C3%A7%C3%A3o,pregui%C3%A7a%20(18%25)%20e%20n%C3%A3o%20ter%20h%C3%A1bito%20ou)>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ROBERTA, Victoria. Entre os mais jovens, bancos digitais já superam os tradicionais, aponta pesquisa. **Finsiders Brasil**. Mato Grosso, 2021. Disponível em: <<https://finsidersbrasil.com.br/noticias-sobre-fintechs/pesquisa-aponta-que-57-dos-brasileiros-com-acesso-a-internet-tem-conta-em-bancos-digitais/#:~:text=Por%C3%A9m%2C%20quando%20avaliado%20por%20faixa%20et%C3%A1ria%2C%20%C3%A9,suas%20contas%20em%20bancos%20tradicionais%20e%20digita>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SANTOS, Silvia C. **O Endividamento das Famílias: uma possível solução através da educação financeira nas escolas**. Medianeira, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/36301/1/endividamentoeeducacaofinanceira.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2025

SHARMA, Manjari. Do salário à estratégia: por que as universidades devem ensinar educação financeira. **Times Higher Education**, 2025. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/campus/salary-strategy-why-universities-must-teach-financial-literacy?utm_source>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SOUZA. **A importância da educação financeira no Brasil: reflexões e desafios**. Revista Brasileira de Educação, v. 23, n. 74, 2018.

WORLD BANK. Global Financial Literacy Data 2022. **World Bank Group**. Washington, 2022. Disponível em: <<https://www.worldbank.org>>. Acesso em: 07 jul. 2025.